

Das crônicas ao título: Cidade Maravilhosa

Priscilla Oliveira Xavier
Doutoranda IPPUR/UFRJ
Orientadora: Soraya Simões

RESUMO

O presente trabalho pretende compor uma análise de discurso do título Cidade Maravilhosa, sensível às articulações conjunturais. Tratamos o Rio de Janeiro em três momentos institucionais eloquentes, o primeiro dele como sede do poder federal, em seguida como cidade-estado e a cidade pós-fusão. Partimos da origem da associação do Rio de Janeiro a uma cidade maravilhosa como um efeito da produção literária do início do século XX, estimulando um imaginário urbano e moderno. Do Rio de Janeiro estado da Guanabara abordamos a ideia de Cidade Maravilhosa como estratégia política de construção identitária, em uma reação à perda da capitalidade. Por fim, tratamos da Cidade Maravilhosa como título adaptado às conveniências de uma gestão urbana que posiciona o Rio de Janeiro entre as principais cidades da economia mundial. A intenção é refletir o termo Cidade Maravilhosa como uma construção discursiva dinâmica, informada pelas transformações urbanas, atuações políticas e orientações econômicas.

PALAVRAS CHAVE: discurso , imaginário , urbano

Introdução

Os discursos são instrumentos motrizes das relações sociais. Em acréscimo a tal perspectiva, consideramos que o conjunto de transformações que caracterizam o que compreendemos por modernidade, ênfase seja dada ao alastramento dos ideais civilizado e urbano, ocorrem em par com a multiplicação, sofisticação e maior partilha de discursos.

Dando crédito à ordem subjetividade na dinâmica urbana, o presente trabalho pretende produzir uma análise de discurso do termo "Cidade Maravilhosa". Para tal, sistematizamos a compreensão dos elementos articulados em cada período institucionalmente expressivos para o Rio de Janeiro, sugerindo significados e funções ao termo em questão.

Iniciamos nossa análise no Rio de Janeiro como distrito federal, sede provisória do poder administrativo e espaço de peso simbólico na construção da identidade nacional na recém instaurada república. Na sequência, abordamos o Rio de Janeiro como estado da Guanabara, quando da transferência do distrito federal para o planalto central, interagindo com uma política centralista e dialogando com o ideal desenvolvimentista. Finalizamos com a versão mais atual do Rio de Janeiro, ente federado em uma orientação política descentralizada, municipalista, com foco na autonomia e interação amistosa com o mercado.

Sensível a conjunturas, a análise parte da sensibilidade das crônicas do início do século como um repertório que lança a sociedade em novos padrões. Avança pela construção identitária no âmbito político como base em um projeto de coesão e fortalecimento no âmbito local e posicionamento no quadro nacional. Alcança por fim o termo Cidade Maravilhosa como título que qualifica e singulariza o Rio de Janeiro no cenário nacional por um lado, e o dinamiza entre as principais cidades da economia mundial por outro. Articularemos, portanto, o processo de produção e interpretação discursiva numa investigação que considera a mudança da linguagem como constitutiva das mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas, conforme sugere Fairclough (2001).

Com a análise pretendemos suspender a Cidade Maravilhosa do senso comum, propondo reflexões sensíveis ao processo de produção, interpretação e difusão de ideias, contextualmente referidas. A intenção é lançar luzes sobre as estratégias discursivas em torno da produção do urbano, conferindo relevância ao imaginário e situando o discurso no âmbito de poder.

A Capital da República

Buscamos a origem do termo Cidade Maravilhosa. Sobre a primeira referência à cidade do Rio de Janeiro como Cidade Maravilhosa, ficaremos em dívida quanto a um registro preciso e inequívoco.

Uma publicação ímpar, de um autor entusiasta e renomado na intelectualidade brasileira, é "O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca da auto-estima". A obra examina o Rio de Janeiro como lugar, memória, representação, sonho e projeto global no imaginário nacional e local, visando contribuir para os debates sobre a cidade. E logo na introdução Carlos Lessa afirma que:

" O Rio como projeto e sonho foi, na virada do século, a condensação do Progresso, tendo na largura das avenidas, na opulência dos bulevares, no faiscar da iluminação noturna e no circular elegante pela Avenida Central uma comprovação inequívoca. A população, nas calçadas, teria a demonstração concreta da modernidade do brasileiro. A República fez do Rio o espelho da nação como futuro feito presente. Esta foi uma operação extremamente bem sucedida: o Rio como cartão de visitas do país e certidão de brasilidade, como lugar único que combinava a natureza tropical com a modernidade urbana, foi batizado Ville Merveilleuse pela francesa Jeanne Catulle Mendes, em 1912. Com a marcha de André Filho para o Carnaval de 1935, consagrou-se o epíteto como "hino oficioso" da cidade" (LESSA, 2000, p.13)

Mas selecionaremos uma aparição que goza de maior prestígio na literatura acadêmica, nos registros do poder público e no saber popular. A porta de entrada na Cidade Maravilhosa se dará pela imagens criadas e propagadas no início do séc. XX pelas crônicas, forma literária, caracterizada pela perscrutação do cotidiano em uma escrita ágil, popularizada em periódicos.

Sem tirar o mérito de uma variedade de formas literárias, mesmo antes da República as crônicas tiveram um papel singular no Rio de Janeiro. Sobre a singularidade da crônica em relação a cidade, Beatriz Resende (2001) afirma que:

"Há entre o Rio de Janeiro e a crônica uma tal afinidade que chega a ser difícil escrever a história da cidade sem se evocar - desde os primeiros viajantes que adentraram maravilhados a baía - um dos numerosos cronistas que, tendo ou não nascido aqui, dela falaram (RESENDE, 2001, p.11)

E considerando as crônicas entre o final do séc. XIX e início do século XX, trabalhamos com a hipótese de que tal forma literária cumpriu,

minimamente, duas funções. Por um lado atuou ampliando a produção literária e o gosto pela leitura, informando e condicionando a população para uma nova ordem, urbana e moderna. Por outro lado serviu de registro do assentamento da modernidade e hábitos urbanos, especialmente ao construir e confundir a imagem da capital com a imagem do país.

Retornamos ao final do séc. XIX, e esboçando um contexto em que a efervescência cultural, embalada pelo ideário da modernidade, animou cronistas a um movimento paradoxal. Nesse movimento, a produção de crônicas na cidade deu lugar à cidade crônica. Especialmente por conta do impulso da imprensa livre, a cidade deixa de ser o objeto, palco ou cenário do que se conta e passa a ser o sujeito, sendo contada. E justamente nessa mudança de foco dos cronistas é que pinçamos o aparecimento da referência ao Rio de Janeiro como a Cidade Maravilhosa, na crônica de Coelho Neto.

Coelho Neto publicou o “artigo 'Os sertanejos', na página 03, do jornal 'A Notícia', edição de 29.11.1908” (CAMPOS, 1965, p. 76), "A Cidade Maravilhosa", que posteriormente foi reunido em livro. Conta a história de Adriana, uma professora de uma povoação em Barretos. Descreve longamente Barretos, como uma localidade calma, onde se vê poeira e bois passando, só se ouve o cochar dos sapos e nada acontece. Adriana vive o dilema de se dedicar aos estudos para alçar boa carreira ou ceder às cobranças do pai para esquecer os delírios e se arranjar com casamento e trabalho.

Levando adiante os estudos, Adriana arranja um contato político que lhe agiliza uma vaga como professora, em um povoado distante. Indo morar em um quarto de pensão, conhece um pintor viajante. Já podemos considerar o pintor como o elemento metafórico que leva e trás imagens de lugares diferentes, sujeito que comporta, reproduz e dissemina imagens.

Por estarem numa mesma pensão, Adriana e o pintor se aproximam e se alongam em conversas. O pintor fala do Rio de Janeiro e seduz a professora interiorana para lá ir morar com ele, pois lá poderiam ser felizes.

Numa noite de maior entrosamento o pintor a leva pela mão para a beira de uma estrada, alude para um fogaréu longínquo e exclama:

"- Linda cidade.
- Onde? perguntou Adriana. E ele apontou o horizonte.
- Ali, pois então? Cidade Maravilhosa! Cidade do sonho, cidade do amor. " (NETTO, 1928 ,p.17)

A crônica logrou significado no inconsciente coletivo pela exaltação do Rio de Janeiro como cidade maravilhosa. Mas a história não termina na cena de magia e encantamento. O desfecho ignorado, de cunho dramático, é o sumiço do pintor, que deixa Adriana angustiada. Decidida, na companhia de uma amiga vai até a Cidade Maravilhosa, e de perto se depara tão somente com os vestígios da queimada que vira encantada ao longe. Assombrada pela memória da noite de magia e sedução, se põe a chorar, sendo confortada pela amiga que a leva de volta para casa.

A captura do título Cidade Maravilhosa da crônica de Coelho Neto sugere que o pictórico é o que confere magia, que alimenta o imaginário, que faz sonhar, que faz amar. E que a realidade, ao contrário, assombra. Essa segunda parte, talvez menos empolgante, nunca ganhou expressão no inconsciente popular. O caso é que a cidade do Rio de Janeiro se consagrou como maravilhosa, a despeito da cultura letrada ser uma realidade pouco abrangente e o autor da crônica uma *persona non grata* à época.

As crônicas parnasianas de Henrique Maximiliano Coelho Neto¹ eram caracterizadas pela pompa e formalismo, sem regular artifícios retóricos. Inspirado no consagrado estilo literário francês, adaptava as paisagens a textos, primando por elementos como a poesia, ritmo, harmonia e beleza. Em "A Cidade Maravilhosa" o cronista descreve Barretos como uma povoação triste, de casas espaças, cujos ruídos eram o de sapos, grilos e mugidos, pintando uma paisagem na qual, em suas palavras, os sonhos eram

¹ Mencionamos no primeiro capítulo que o autor foi homenageado, dando nome a um bairro da Zona Norte da cidade. Como nosso trabalho se dedica a discursos, história e memória. Mesmo que a informação não caiba na fluidez do texto que estamos compondo, por questões temporais e articulações em eixos temáticos, não nos furtamos de explorar o fato de que a população do Rio de Janeiro também se articula na produção discursiva com apelo à história e memória. E uma amostra dessa articulação pode ser conferida em um blogger chamado Coelho Neto: Memórias de um bairro. <https://coelhoneto.wordpress.com> (visitado em 01 de Novembro de 2015)

desfeitos. Já o Rio de Janeiro, embora não seja descrito, era vislumbrado em oposição a Barretos, deixando a composição da cidade a cargo do imaginário.

A obra de Coelho Neto era saboreada e exaltada pelos ávidos e requintados leitores da fina flor da sociedade carioca. Escusado dizer que este apreço não era um consenso, e pertinente lembrar que o período era marcado por tensões políticas que reverberavam no plano cultural. Ousando uma síntese, a cultura era um campo de disputas no qual de um lado se alinhavam ideais inspirados na arte clássica e conservadora, e de outro lado ideais de rupturas artísticas que flertavam com a valorização de uma identidade nacional.

Como capital da República, o Rio de Janeiro era tanto o palco quanto o elemento privilegiado para as disputas políticas e culturais protagonizadas por conservadores e modernistas. E pela junção de elementos e dinâmica do contexto é de se intuir que Coelho Neto tenha se tornado um alvo para críticas. A tomar pelos hábitos que cultivava, conteúdo e forma do que produzia, e público ao qual se destinava, pesavam-lhe as acusações de que seu trabalho era tão casado com o estilo que se divorciava da literatura como elemento de transformação social, uma vez que todo capricho na forma não incorporava como questão o político, o social ou o moral.

Não tomando tal acusação com o peso de conclusiva, cumpre apresentar também conteúdos que nos forneçam uma compreensão mais ampla sobre o autor em seu tempo. Coelho Neto foi um autor que reagiu contra a produção literária como descrição ágil da realidade e do cotidiano.

Em seu tempo a crônica tornou-se um gênero que se destacou no gosto do leitor, incitando os editores a buscá-las entre os escritores. E Coelho Neto, por seu gosto, cultuava a forma parnasiana, valorizava a imaginação em detrimento da observação do cotidiano e produzia textos salpicados de termos raros. Por tal, sua escrita era qualificada como enfadonha, sobre sua inspiração diziam faltar trivialidade, e o excesso de termos pouco usuais era tomado como um mero exibicionismo intelectual.

Apesar do firme posicionamento literário, a necessidade de prover recursos falou mais alto, e Coelho Neto se adaptou às crônicas, mas não sem marcar nelas algum teor romântico ou naturalista, conforme apreende-se em "A Cidade Maravilhosa". E dando ouvidos às vozes em defesa do autor, Fountoura (1944) afirma que "Eu prefiro ver nêle um puro idealista que deveria ter vivido numa época em que o Estado alimentasse os gênios, como Deus alimenta os pássaros para que cantem sem a miséria das contas a pagar." (FONTOURA, 1944, p.124).

A dinâmica que nos fala é que na amálgama entre as pelejas políticas e a pujança cultural, a Cidade Maravilhosa acabou sendo adaptada para o rádio, veículo de maior difusão, em que pese o conteúdo acessível à população pouco familiarizada às letras. Em um programa de rádio chamado "Crônicas da Cidade Maravilhosa" César Ladeira lia textos escritos por Genolino Amado. O programa alcançou e agradou grande público, em nível nacional, e seu título e conteúdo envaidecia e inspirava a capital da república (COSTA, 2001, p.143).

Inspirado no título do programa de rádio, no carnaval de 1935 a Cidade Maravilhosa novamente ganha o inconsciente coletivo, desta vez numa marcha composta por André Filho, gravada pelas irmãs Carmem e Aurora Miranda. O lançamento da música Cidade Maravilhosa ocorreu na "Festa da Mocidade", sem grande repercussão. E no carnaval do ano seguinte foi inscrita no Concurso de Carnaval da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, alcançando o segundo lugar. Na letra da música de André Filho, a Cidade Maravilhosa é clamada repetidas vezes, cheia de encantos mil, como coração do Brasil. E no miolo menos cantado a cidade é descrita como berço do samba e lindas canções, jardim florido de amor e saudade, terra que a todos seduz, ninho de sonho e de luz. Antes do inédito, apreende-se o amor e o sonho como elementos recorrentes, e nesta altura já característicos da Cidade Maravilhosa.

Do primeiro momento, do Rio de Janeiro como distrito Federal, a análise sublinha o termo Cidade Maravilhosa no plano político e cultural, no ideário da cidade como espaço modernizado. Considerando a literatura, a

música, os periódicos e a radiofusão, novos hábitos que são incorporados, caracterizando a relação das pessoas com a metrópole, Simmel (1903), e a potência de instrumentos de propagação de ideias forjando uma esfera pública. E o imaginário do Rio de Janeiro mesclava uma identidade local em favor de uma identidade nacional, na medida em que o Rio de Janeiro servia de palco para as encenações e disputas, políticas e culturais, do país.

O Estado da Guanabara

Em 1960 o Rio de Janeiro deixa de ser a capital federal, e a transferência da capital para Brasília impactou decisivamente a cidade. Do ponto de vista econômico, os cofres públicos perdem recursos. Do ponto de vista político, a cidade fora esvaziada em poder. E no plano simbólico, a cidade perde prestígio, sendo abalada a sua estrutura de espelho da nação.

Como um arranjo político para abrandar os impactos da perda da capitalidade, o Rio de Janeiro tornou-se estado da Guanabara. A junção inusitada entre município e estado permitia uma maior arrecadação, e favorecia uma estrutura administrativa mais robusta para dar conta da cidade que por tantos anos funcionou como distrito federal.

A situação mais complicada ficou a cargo da identidade da Rio de Janeiro. Era impossível da noite ao dia apagar o longo período em que a cidade exerceu a capitalidade, desde 1763 como sede da colônia, passando pela corte e império, chegando a república na virada do século XIX para o XX. Instrumentalizada física e simbolicamente para expressar um todo, a cidade não estava preparada para ser apenas mais uma entre outras unidades federativas. Era essencial um arranjo que conferisse identificação, concisão e segurança na transição institucional, possibilitando projetos que dinamizassem o presente e inspirassem o futuro.

O que será do Rio de Janeiro com a mudança da capital? Essa pergunta gerou todo o tipo de debate, inundando os jornais, revistas, programas de rádio e as ruas, atizando a verve de intelectuais, políticos e

artistas, cariocas ou não. E uma primeira resposta oficial para a consolidação da nova fase institucional, ainda sob o governo interino do embaixador Sette Câmara, em íntimo diálogo com a construção de uma identidade, foi a definição de um hino oficial. Conforme assinalda Santos (2015):

"Entre os símbolos representativos do novo estado cabe ressaltar a definição do hino oficial. O vereador Francisco Sales Neto, da União Democrática Nacional (UDN), apresentou projeto sugerindo a escolha da marcha *Cidade maravilhosa*, de André Filho. O governador Sette Câmara o sancionou através da lei n. 5, de 25 de maio de 1960. Essa escolha não foi unânime, pois essa canção era considerada profana e excessivamente popular." (SANTOS, 2015, p.134)

A rigor, um hino e uma marcha de carnaval, em estilo e função, são produções musicais que guardam distinções. Os hinos se instituem entre os séculos XIX e XX, com a emergência de países independentes na Europa. Com estilo musical típico e tom solene, um hino tem como função política sintetizar a nação, forjando a união ao glorificar histórias e enaltecer a cultura. Já as marchas de carnaval, consagradas no Brasil mais expressivamente a partir de 1920, são inspiradas nas marchas populares portuguesas. Uma marcha carnavalesca tem tom popular, melodia simples, letras burlescas e a função de animar um período de festa do calendário cristão.

O caso é que o Rio de Janeiro adotou como hino², instrumento de coesão e consagração de uma identidade, uma marcha de carnaval, cujo repertório incorpora periodicidade, festejos populares, fantasias, cultos e encantos. Neste embalo já pode-se consagrar fluida a relação entre a realidade e a fantasia que sintetizam a cidade do Rio de Janeiro, advertida e exaltadamente Maravilhosa.

E os esforços em prol da construção de uma identidade para o Rio de Janeiro prosseguiram no mandato de Carlos Lacerda, primeiro governador eleito do estado da Guanabara. Com uma atuação tão admirada quanto detratada, Carlos Lacerda marcou a cidade com malabarismos políticos e

² Em 2003 o prefeito César Maia ratificou a canção como hino oficial do Rio de Janeiro.

administrativos, e a impetuosidade de sua figura pública no uso perspicaz da comunicação.

A situação singular do Estado da Guanabara, sem uma identidade dissociada da capitalidade e esvaziada por revezes políticos, era um desafio que Carlos Lacerda tomou como oportunidade. Por um lado marcou a cidade estrutural e simbolicamente, com obras de grandes proporções e ações administrativas de impacto no funcionamento do setor público; por outro lado impulsionando sua trajetória política com vistas a candidatura à presidência.

Sobre as proporções das obras que Carlos Lacerda empreendeu pela cidade, produzindo significativas mudanças na paisagem, temos em conta as possibilidades de leitura e compreensão que relacionam o campo político e social e os registros históricos. A produção de imagens, símbolos e discursos ganha destaque, conforme defende Paulo Knauss (2006):

"Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural. Isso abre um campo para o estudo dos diversos textos e práticas culturais, admitindo que a sociedade se organiza, também, a partir do confronto de discursos e leituras de textos de qualquer natureza — verbal escrito, oral ou visual. É nesse terreno que se estabelecem as disputas simbólicas como disputas sociais." (KNAUSS, 2006, p.100)

Por tal, as obras e estruturas administrativas são eloqüentes para a cidade, sejam as sub-prefeituras para dinamizar a administração, o aterro do Flamengo como impactante na paisagem da Zona Sul, a controversa política habitacional de remoção de favelas em áreas nobres e construção de conjuntos habitacionais em subúrbios, ou a adutora do Guandu mitigando o antigo problema de abastecimento de água. Todavia, o destaque fica por conta dos incentivos do governo da Guanabara no ensejo de comemoração do IV Centenário da Cidade.

Para organizar e promover as comemorações foi criada a Secretaria de Turismo e Superintendência do IV Centenário da Cidade. O vigor ritualístico assume na circunstância a função de fortalecer e propagar a identidade da cidade e de seus cidadãos, em um sentido patriótico. Sem

contar a confecção de souvenirs como flâmulas, capas de LPs e outros, com incentivo da prefeitura foram realizados eventos esportivos, musicais, seminários, encontros acadêmicos, exposições, e até mesmo o desfile das escolas de samba tematizaram o IV Centenário.

Ainda no ensejo do IV Centenário, Carlos Lacerda inaugura Museu da Imagem e do Som, na Praça XV, que atualmente nos parece óbvio mas no período deixou no ar a "excentricidade" de um local para guardar discos e fotografias.

E uma série de publicações também foram produzidas a título de registro duradouro da efemérite. Com formatos e escritores variados, tinham em comum a intenção de resgatar o passado, refletir e evocar o presente, e almejar auspiciosamente o futuro, decantando uma identidade carismática para a cidade. E mesmo os desvios dessa fórmula não escapavam dos nobres propósitos, afinal, se um escritor ou outro falava mal da cidade, o fazia desejando o bem.

O impulso à produção discursiva associada a uma comemoração expressa o espectro simbólico que se envereda na dimensão ritualística, com ordem, estrutura e sentido. No embalo de Cidade Maravilhosa como hino é apreensível a tentativa de criar uma identidade, incitando um sentimento de pertencimento, criando e alastrando um mito sobre a cidade.

E seguindo a vertente de que o sentimento de pertencimento é um processo calcado na imaginação, enfatizamos a produção discursiva como instrumento no âmbito político. Consideramos a produção discursiva como uma trama pautada em uma dinâmica histórica seletiva, sensível a particularidades culturais. Costura-se uma tradição comum, que apara as diferenças e conflitos em prol da união, aspirando um futuro. Seria como forjar uma identidade para a cidade e seus habitantes com a função equivalente a de um nacionalismo. Benedict Anderson (2008) discorre sobre o uso da imaginação em torno de história, tradição, culturas, construções identitárias e projetos políticos, encaminhando a compreensão de que o ideal

de nacionalismo é simultaneamente herdeiro do passado e uma nova realidade.

Retomando o foco para o termo Cidade Maravilhosa, podemos sugerir que seu surgimento se deu no bojo de ideais modernos, exaltando o urbano, imprimindo um novo ritmo, exaltando a beleza, eficiência e crença na razão, como um toque de sensibilidade que alentava o homem lançado apartado de suas referências em um novo mundo. E no segundo momento o termo é apropriado como uma estratégia política de peso simbólico, resignificando o Rio de Janeiro no âmbito local e nacional.

O Rio de Janeiro Pós Fusão

Em Março de 1975 o estado da Guanabara foi anexado ao estado do Rio de Janeiro. A fusão entre os entes federativos foi mais um episódio de disputas políticas e econômicas que reverberou novamente na identidade da cidade. Desta vez suscitando debates e reflexões acerca da vocação e do futuro da cidade do Rio de Janeiro.

Inconformados, os políticos cariocas vociferaram o caráter autoritário da fusão em um primeiro plano, e a reiterada tentativa de esvaziamento político da cidade como pano de fundo. Estavam em disputa duas orientações políticas estanques, sendo uma delas a manutenção do Rio de Janeiro como uma cidade farol para a nação, e a outra a equiparação do Rio de Janeiro aos demais municípios da federação, priorizando demandas universais.

No plano nacional, Brasília como capital condensava ideais modernista e simulava uma nova fase política, compromissada com o desenvolvimento e consolidação da democracia, sem contudo cumprir a função simbólica de ser fonte de referência para a coesão nacional. Afinal, o Rio de Janeiro não perdeu sua potência simbólica, dividido entre uma identidade nacional e local.

Apesar de revezes econômicos e políticos, o Rio de Janeiro foi feliz em investir no simbólico, fecundando o imaginário em torno de seus atributos. Foi exibido em paisagens, símbolos e cartões postais, recepcionou celebridades e eventos nacionais e internacionais, inspirou música, literatura e cinema, e se fez questão para produções acadêmicas. Ao final da década de 1990 o Rio de Janeiro gozava do prestígio de uma metrópole mundial por sua potência simbólica, e amargava o fracasso de sua decadência política, econômica e urbana.

A partir da gestão do Prefeito Cesar Maia a cidade do Rio de Janeiro é reorientada, desta vez por uma perspectiva empresarial. A lógica do mercado se sobrepõe à lógica da cidade, e no lugar do planejamento urbano entram os planos estratégicos, pontuais, avaliáveis, reproduzíveis e capazes de dar respostas às necessidades de dinamização da economia. Por tal lógica as cidades tornam-se atores responsáveis pela produção de ambientes atraentes aos grandes capitais mundiais.

E a atualidade da Cidade Maravilhosa diz respeito a necessidade de posicionamento na economia mundial, em uma competição entre cidades pela atração de capitais, conforme assinala Vainer (2000). E sobre a criação de ambientes amistosos à atuação do mercado, Arantes (2000) pondera que:

"Não cabe aqui recapitular em detalhe os fatos que marcaram, nos anos 1970, a grande reversão dos 30 anos de expansão do pós-guerra, sem os quais, a falência da economia urbana e o colapso subsequente das cidades continuariam incompreensíveis. Qualquer que seja no entanto o esquema explicativo do longo descenso da economia mundial, o fato é que, com o fim da Era do Crescimento, o planejamento urbano, destinado por definição a discipliná-lo, simplesmente perdeu seu caráter de evidência e cifra da racionalidade moderna, tornando-se o alvo predileto da ofensiva liberal-conservadora, politicamente vitoriosa a partir de 1979/80. (ARANTES, 2000, p.21)

Para a criação de ambientes amistosos ao mercado internacional a cidade maravilhosa dialoga em duas frentes, a local e a global. Internamente inspira consensos e abafa conflitos, tendo na maravilha uma essência mitológica que organiza os conflitos que não encontram solução na realidade, Chauí (2001). Externamente, propaga promessas de experiências

surpreendentes em um ambiente controlado. A cidade Maravilhosa torna-se um enredo para discursos místicos, com lógica espacial e temporal própria, de modo a corresponder as expectativas de quem tem recursos para consumir a cidade.

Tomamos como eloquente no uso do ideário da Cidade Maravilhosa o Projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, na gestão do Prefeito Eduardo Paes, para comemoração dos 450 anos da cidade. Na condição de produtor de um discurso oficial da cidade, a prefeitura faz uso consciente e consistente da prerrogativa de selecionar o que deve ser lembrado, e o que convém ser esquecido.

O projeto se enquadra na perspectiva ritualística de preservação da memória, numa ação orientada que opera no tempo kairós, do mito e do rito, o tempo da oportunidade, em detrimento do tempo kronos, newtoniano, linear, uniforme, e quantificável. A ação é de extrema argúcia e profundo conhecimento, pois afina com o título de Cidade Maravilhosa³ uma promessa de experiência da cidade para o mundo e a de identidade para a população local, exaltando virtudes e encobrendo vicissitudes.

Como máquina produtora de discursos, a prefeitura investe na iniciativa de celebrar os 450 anos da cidade, numa operação de monta. Como símbolo produziu uma imagem que utiliza os números 4, 5 e 0 para compor uma expressão de satisfação. Para divulgação do projeto, tem uma *home page* que disponibiliza, entre outras informações, um link chamado marca. Nele há uma explicação do que é a marca, como foi elaborada, o que significa e um manual de como deve ser usada. Na explicação diz:

"... é uma expressão que, além da cara do carioca, é a cara da comemoração dessa festa. Uma proposta para provocar reflexões lúdicas sobre quem somos e o quanto amamos estar onde estamos. Ela foi pensada para resgatar o orgulho de pertencer, através de uma ideia simples e direta: se o carioca é multicultural, multiétnico e multifacetado, a marca deve espelhar tudo isso.

³ Além de Cidade Maravilhosa, o Rio de Janeiro o Rio coleciona outros títulos como o de Cidade Mais Feliz do Mundo, em pesquisa publicada pela revista Forbes, em 2009; Melhor Destino Gay Global, eleito pelo canal Logo, da MTV dos EUA, em 2009; primeira cidade do mundo a receber da UNESCO o título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana, em 2012, e, mais recentemente, o prêmio de World Smart City 2013.

Na sugestão das reflexões lúdicas, a questão do pertencimento é uma importante chave de interpretação da atualidade. A economia é dita acelerada, as cidades mundiais, os espaços transitórios, as relações dinâmicas, a comunicação *just in time*, o mundo conectado. A almágama caleidoscópica das noções de tempo e espaço conferem novos significados para um vocábulo mais afinado com a pós modernidade.

Em termos sociológicos, Bauman (2006, p. 5-9) aborda as reações dos indivíduos às inconstâncias da atualidade, assinalando caracteristicamente as crises de pertencimento. E que em virtude das inconstâncias, construímos e sustentamos referências para nossas identidades em trânsito, na tentativa de pertencer, no afã do conforto e segurança. No caso apresentado da comemoração dos 450 anos do Rio de Janeiro, a prefeitura trabalha com estoques de referências e memória capazes de forjar uma identidade, simulando a sensação de pertencimento.

Nossos estoques de memória e desejo de identidade não de agora são articulados pelo Estado, teorizados por especialistas, captados pelo mercado ou pela sociedade. Cabe neste caso a distinção entre memória e história de Nora (1981), afirmando a memória como fenômeno susceptível às lembranças e esquecimentos no eterno presente.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1981, p.9)

E conforme consta no Projeto de Comemoração dos 450 do Rio de Janeiro, trata-se explicitamente de um projeto instituído dentro do Programa de Valorização da Memória e da Cultura Popular Carioca.

Em complemento ao aniversário da cidade, no âmbito do mesmo programa, em 22 de Maio de 2014, o Prefeito Eduardo Paes publicou no Diário Oficial um Decreto que determina que os alunos das escolas da rede municipal de ensino cantem o hino oficial da cidade, "Cidade Maravilhosa", uma vez por semana. Diga-se de passagem, o apelo à memória como um fenômeno em atividade é tão imperioso que na vitalidade dos versos da música a cidade se perpetua como coração do Brasil, e nem se torna questão o fato do Rio de Janeiro não ser mais a capital da república.

Em paralelo com o investimento na comemoração dos 450 anos da cidade, convém mencionar a perversão das noções de tempo e espaço nos discursos dos projetos da prefeitura. Enquadráveis nos novos padrões de planejamento urbano, as parcerias público-privado, intervenções pontuais, proliferação de instrumentos e instituições de suporte a projetos e a desregulamentação ou flexibilização de normas visando dar celeridade aos processos também lançam mão dos discursos em torno do imaginário da cidade.

Mencionaremos o caso dos museus. A antropóloga Regina Abreu⁴ trabalha na ordem das alteridades na cidade, a partir de uma antropologia dos museus. Afirma que os museus são fenômenos sociais e por eles é possível ler a sociedade. Percebe que por ter sido capital da República, o Rio de Janeiro concentra um número considerável de museus. Estes eram espaços privilegiado para as encenações do nacional, como um espelho da república, reunindo elementos e construindo narrativas históricas, cujo

⁴ Regina Abreu é antropóloga, professora associada do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e da Escola de Museologia da Unirio. líder do Grupo de Pesquisa Memória, Cultura e Patrimônio cadastrado no CNPq. pesquisadora do CNPq e realiza o Projeto Museus do Rio com apoio da Faperj e da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro: <www.museusdorio.com.br>. Autora de ensaios e livros sobre museus e patrimônios, entre os quais o livro Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos, RJ, Editora Lamparina, 2009. abreuregin@gmail.com

sentido era o de que memória do passado inspirasse o futuro. Na década de 1980 o foco dos museus mudou, segundo a autora, um tanto ao sabor da orientação municipalista da constituição. A partir de então os museus das cidades passaram a encenar a própria cidade. E a competição entre as cidades captou esse potente instrumento de propaganda, como bem demonstram os planejamentos estratégicos em geral, e a Operação Consorciada Porto Maravilha em específico, com o Mar e o Museu do Amanhã.

No caso do Mar, o museu foi inaugurado em 2012, é regido por um Planejamento Estratégico, e tem como proposta ser um paradigma na arte, educação pública e cidadania cultural. Segundo consta no documento disponível no site do museu:

"A cidade do Rio de Janeiro é o ponto de partida do MAR. Seu programa inclui pensar a formação e a história da cidade, lançando-se criticamente sobre o presente e suas perspectivas de construção do futuro. Articulando dimensões simbólicas e imaginárias, o Museu enraíza-se no Rio por meio de sua localização, arquitetura, programa de exposições e atividades diversas, coleção, biblioteca, escola." (Planejamento Estratégico disponível em http://www.museudeartedorio.org.br/sites/default/files/planejamento_estrategico_mar.pdf)

O conteúdo do planejamento é claro e inequívoco quanto aos objetivos que pautam o uso do referido equipamento cultural. Sem acervo fixo, o Mar trabalha com empréstimos ou doações, abrigando exposições, encenando já na gestão⁵ uma franca analogia à memória efêmera da cidade, que está em permanente mudança.

Ao discorrer sobre os museus como atrações em áreas revitalizadas alcançamos a perspectiva da economia das experiências⁶. Trata-se de um

⁵ A gestão do museu é feita pelo Instituto Odeon, uma instituição privada de caráter cultural sem fins lucrativos. Fundada em 1998 por Carlos Gradim e Yara Novaes, a Odeon destaca-se por sua proposta de buscar revelar o homem contemporâneo em meio a suas angústias, aspirações e pensamentos, através de uma linguagem própria.

⁶ PEIXOTO, Paulo (1995), "A sedução do consumo. As novas superfícies comerciais urbanas". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 43, 147-170.

apelo para o mobiliário, a arte pública, a coloração, a fachada, a um lugar certo para a natureza, a iluminação e demais artifícios que falem ao sensorial, exaltando afetos ao forjar uma experiência singular e memorável, casando o social, o cultural e o econômico ao fazer das experiências um valor no city bussiness.

O Museu do Amanhã é um outro equipamento no perímetro do Projeto Porto Maravilha que se apresenta e torna visível aspectos da vida social, ou mais especificamente do projeto político e econômico imperioso no Rio de Janeiro. O nome do equipamento instaura por si um paradoxo, ao se identificar como museu, ou seja, um lugar privilegiado compor e disseminar história, e ter como tema o amanhã. Ensaia um descolamento da compreensão temporal em presente, passado e futuro.

O projeto é fruto da parceria entre o município e a Fundação Roberto Marinho, com o Banco Santander e o Governo do Estado, tendo o custo estimado de R\$ 130 milhões em 2011, previsto inicialmente para 2014. Em 2014 o custo foi para R\$ 215 milhões, e a previsão para 2015. Trata-se de uma vultuosa obra arquitetônica, de 12,5 mil metros quadrados, assinada pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava, às margens da baía de Guanabara.

A função do Museu do Amanhã aproxima-se menos de um museu e mais de uma central de visitação para exposição de conteúdos das dinâmicas que transformam a vida na terra (clima, biodiversidade, longevidade, população, DNA, cidades, consumo, conhecimento e até projeção de um conceito de futuro ideal), com ênfase nas experiências de interatividade, sugerindo como será a vida nos próximos 50 anos.

Promove-se assim, com um elemento arquitetônico de enorme potencial simbólico, com grande impacto paisagístico, com a promessa de uma experiência de interatividade. Tanto quanto ou até mais que o Mar, o Museu do Amanhã se insere no contexto da economia das experiências.

E não ficam por aí os projetos da prefeitura no rastro do título Cidade Maravilhosa. A escolha dos nomes de alguns projetos da prefeitura, como Cidade Olímpica, Porto Maravilha, Bairro Maravilha, Fábrica de Escolas do Amanhã, Escola do Amanhã, nos remetem à ideia de abafamento do presente e a incitação dos desejos, do arrebatamento, do êxtase.

Ainda nas reflexões sobre os discursos que alteram a noção de tempo, sugerimos na Cidade Maravilhosa a adesão ao tempo da economia mundial, em que o presente é uma experiência fluida que valoriza e anseia o futuro. Subsidiária a tal perspectiva, aspirando a alcunha de Smart City, a prefeitura investe na coleta, difusão e análise de informações, firme em três propósitos, sendo estes a informação, o aperfeiçoamento e a previsão.

Com o uso de BigData e o investimento em TI, a gestão municipal encena um diálogo em duas questões decisivas para a concretização do ideal democrático, sejam eles a transparência e a participação. O cidadão tanto tem acesso às informações produzidas e geridas pelos órgãos públicos, quanto passa a ser um colaborador, na medida em que informa as demandas, auxiliando o município a buscar soluções. No conjunto de ações da Smart City ganham destaque o Carioca Digital, LabRio e Data Rio.

Em contraste com o discurso do poder público em torno da Cidade Maravilhosa, que inspira uma cidade de experiências, futurista, palco de grandes eventos, que se mune de informações para controlar o futuro, a população também encena seus discursos, ainda que em uma esfera de atuação distinta e com leituras nem sempre tão óbvias.

Um exemplo dos embates discursivos em torno da Cidade Maravilhosa se deu em um dos cartões postais da cidade, as praias da Zona Sul. Em um final de semana de calor intenso e praias lotadas, arrastões e quebra-quebra antecederam a ação de retirada de linhas de ônibus. A imprensa noticiou os dois eventos, isoladamente. O que estava em pauta era a ordem pública, em uma notícia ordenando o trânsito, em outra combatendo o vandalismo.

Outro embate discursivo ocorre por conta dos preparativos da cidade

para os Jogos Olímpicos. A remoção de famílias de áreas específicas da cidade para a construção de equipamentos para o evento olímpico não leva em conta as histórias, tradições, memórias e afetos. No entanto, entre os argumentos que legitimam a recepção de grandes eventos, além da indiscutível dinamização da economia, está a melhoria das estruturas urbanas e o apelo à memória, na construção de um lugar espetacular, digno de um evento que entra para a história da cidade. Os Deuses do Olimpo engolem os "homens simples"⁷.

No enredo maravilhoso, o passado, o presente e o futuro são tempos oportunos. Apagam memórias do passado para construir memórias no futuro, abafando o presente. No mais, a cidade é maravilhosa.

Considerações

Ao considerar as experiências do Rio de Janeiro urbano, desde o início do século XX até aos dias atuais, o termo Cidade Maravilhosa inspira discursos sobre a cidade. No entanto, os discursos sintomatizam as questões culturais, sociais, políticas e econômicas de cada período institucional da cidade.

Enquanto capital da República a Cidade Maravilhosa fertilizou o imaginário e embalou a população no ideário moderno e urbano, fundindo a identidade local com a identidade nacional na produção de um espaço simbólico.

Quando da transição da capital para Brasília a Cidade Maravilhosa serviu de base para a produção de uma identidade local, para a coesão e

⁷ Inspirado em Lefebvre, José de Souza Martins, em "A Sociabilidade do Homem Simples", conduz uma reflexão sobre as classes populares e as situações de risco que incitam a percepção crítica e a integração social.

ânimo em projetos de fortalecimento no quadro nacional, tendo como pano de fundo embates políticos.

No pós fusão a Cidade Maravilhosa serve de enredo para discursos de persuasão local, nacional e internacional. Se afina com as orientações da economia mundial, na perspectiva do empreendedorismo urbano, produzindo discursos análogos a mitos, em que sobressaem a manipulação das noções de tempo e espaço.

A Cidade Maravilhosa nasce da sensibilidade individual, avança pelo gosto popular e é apropriada pelo poder público, de modo eficiente mas não exclusivo. A Cidade Maravilhosa não tem um único significado e seu uso não é uma prerrogativa do Estado. Há conflitos, deslizamentos em torno dos usos, significados e funções do termo. Tantos quantos inapreensíveis.

O que é preciso dizer é que o discurso sobre a cidade é uma coisa, e a cidade outra. O Rio de Janeiro sempre conviveu com questões típicas das grandes metrópoles como problemas de abastecimento de água, esgoto, poluição, trânsito, violência e, conseqüentemente, crises políticas. Por tais problemas é equiparável a um grande número de municípios do país e a toda e qualquer metrópole do mundo.

Mas faltando atributos físicos, estruturais ou administrativos que distingam a cidade, sobra imaginário, perspicácia discursiva e eficiência simbólica, consagrando o discurso no âmbito do poder e o imaginário em par com a realidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo, Companhia da Letras, 2008.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia, “**A Cidade do Pensamento. Único**”, Petrópolis, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro : Zahar, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Haroldo. 2001. **100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro**. São Paulo, Irmãos Vitale.

DURAND, Gilbert. **As estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

FONTOURA, João. **Elogio a Coelho Neto**. Lisboa, Ultramar, 1944.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo, Companhia das Letras. 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UNB, 2001.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOTTA, Marly Silva da. **Saudade da Guanabara**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2000.

NAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: Arte e cultura visual**. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. IN: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP, 1981.

PEIXOTO, Paulo (1995), “**A sedução do consumo. As novas superfícies comerciais urbanas**”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 43, 147-170.

_____. **Desafios à cultura urbana no contexto da economia das experiências e das narrativas interativas**. In Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Aníbal de Almeida, ed. António José Avelãs Nunes, Luís Pedro Cunha e Maria Inês de Oliveira Martins, 821 – 839. ISBN: 9789723220667. Coimbra: Coimbra Editora, 2012.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó / SC, Ed. Argos, 2010.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. **A cidade do Rio de Janeiro no IV Centenário em algumas páginas literárias**. Revista do Acervo, rio de janeiro, v. 28, n. 1, p. 132-143, jan./jun. 2015.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**. *Mana* [online]. 2005, vol.11, n.2, pp. 577-591. ISSN 0104-9313.